

PERFIL • JOSÉ PORFÍRIO DE CARVALHO, consultor da Eletrobras

# Para negociar terra com índio, um indigenista

Especialista ensina executivos da estatal a lidarem com indígenas em projetos de hidrelétricas com impacto em reservas

Liana Melo

Enviada especial

• BRASÍLIA. Entre os Waimiri-Atroari, José Porfírio de Carvalho é mais conhecido como Thiamyry. Traduzindo para o português, o apelido dado pelos índios do Amazonas ao cearense de 65 anos significa "velho". Entre os índios Parakaña, do Pará, ele é mais conhecido como Tamuy, que, numa tradução literal, quer dizer "meu avô". Já na Eletrobras, onde há 26 anos ocupa a função de consultor indigenista, ele é simplesmente Carvalho. O especialista ensina executivos da estatal a lidarem com os índios, em projetos que afetarão reservas, como a construção de hidrelétricas.

Ainda que o governo tenha escolhido a região da Amazônia Legal como o novo celeiro energético do país e de vários projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) passarem perto de terras indígenas, a Eletrobras é uma exceção. Ter um consultor indigenista é raridade no meio empresarial.

Coordenador de dois programas de etnia na estatal, um junto aos Waimiri-Atroari — salvos do extermínio após a instalação da usina de Balbina, que inundou 30 quilômetros da reserva — e outro com os Parakaña, Carvalho trabalha há 40 anos com índios. Esses programas garantem atendimento médico e educação para a população das aldeias.

Depois de se aventurar no resgate de colegas atacados por índios isolados, quando trabalhou na Fundação Nacional do Índio (Funai), e presenciar a derrubada da Floresta Amazônica para abertura de estradas, o indigenista hoje anda preferindo tomar distân-



1. CARVALHO EM seu escritório em Brasília. 2. O indigenista de braços dados com índios Waimiri-Atroari durante festa na tribo. 3. O engenheiro da Eletrobras Paulo Rezende ferido a facção por caiapós em 2008, em Altamira. 4. Índia Tuíra ameaça com facção José Antonio Muniz, então diretor da Eletronorte, em 1989

cia de temas polêmicos. É o caso da usina de Belo Monte.

— Considero o projeto de Belo Monte um dos melhores do ponto de vista ambiental, mas não sou carneiro. Tenho opiniões próprias. Prefiro não me meter com este projeto. Já estou muito velho — diz Carvalho, em sua sala, no quinto andar do edifício-sede da Eletrobras, em Brasília, decorada com fotos de índios.

Ele discorda do modelo de gestão da hidrelétrica:

— Quem vai mandar nesta usina, o governo ou o setor privado? Esta indefinição acaba com qualquer possibilidade de diálogo com índios, por-

que eles perdem a confiança.

Como amigo dos índios e, ao mesmo tempo, funcionário da estatal, Carvalho acompanha o assunto desde a época em que a usina se chamava Kararaô. A resistência dos índios ao projeto culminou numa reunião histórica em Altamira, no fim dos anos 80, quando uma índia Tuíra, dirigindo-se à mesa onde se encontrava autoridades, passou um facção no rosto do atual presidente da Eletrobras, José Antonio Muniz Lopes, então diretor da Eletronorte. Carvalho tinha avisado que haveria resistência.

— Só que a reação da índia fugiu do roteiro, ainda mais por-

que índia caiapó não costuma participar de política — admite o indigenista, que avisou a Muniz que ele seria agredido com puxões de orelha, tapas no rosto, socos no peito com suas bordunas, a arma indígena. — Mas nunca com um facção.

## Para Possuelo, trabalho encobre ações violentas

Muniz hoje dá risadas quando lembra do assunto, mas lembra que, no momento da agressão, sentiu muito medo: — Carvalho tinha me avisado e me garantiu que eu não seria machucado, o que, de fato, aconteceu. Mas foi um susto grande.



Josemar Gonçalves/22-2-1989

Andre Penner/AP/20-5-2008



O indigenista também estava em outra reunião em Altamira, em maio de 2008, quando o engenheiro da Eletrobras Paulo Rezende foi ferido no braço com um facção, por caiapós. O tema era o mesmo: Belo Monte.

O indigenista é apaixonado pelo trabalho que desenvolve, na Eletrobras, junto aos Waimiri-Atroari. A aldeia já foi vista como empecilho para a construção da BR-174 (Manaus-Boa Vista) e sofreu a invasão de uma hidrelétrica e de uma mineradora. Estava encolhendo — o índice de mortalidade era de 20% ao ano e chegou a reunir pouco mais de 300 pessoas — e passou a re-

gistrar crescimento populacional em torno de 6% anuais. Hoje tem 1.330 habitantes.

— Não sou contra o trabalho do Carvalho, que é muito bom, mas jamais trabalharia para uma empresa — admite o sertanista Sidney Possuelo, ex-presidente da Funai, explicando que o trabalho funciona para “encobrir as ações violentas cometidas contra os povos indígenas”.

Outro ex-presidente da Funai, Márcio Santilli, fundador do Instituto Socioambiental, considera “uma grande vantagem comparativa” para a Eletrobras:

— Ele é um mediador de qualidade. ■